

Para além da queixa: Subjetividade na afasia¹

Gabriela Cangussu de Souza Moraes², Nirvana Ferraz Santos Sampaio³

RESUMO O objetivo deste texto é analisar de que forma a subjetividade dos afásicos se manifesta na tentativa de dar conta das modificações causadas pela afasia. Para tanto, além do levantamento bibliográfico, foram utilizados depoimentos de sujeitos com afasia provenientes dos acompanhamentos em grupo executados no Espaço de Convivência entre afásicos e não afásicos (ECO) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e de entrevistas realizadas com duas pessoas que fizeram parte do ECO. Os acompanhamentos foram realizados na modalidade online, através da plataforma *Google Meet* e a análise das informações coletadas estão embasadas teórico-metodologicamente na Neurolinguística Discursiva. Desse modo, os resultados demonstraram que os indivíduos expressam a sua subjetividade por meios diversos, a fim de se posicionar e recuperar o seu lugar na sociedade.

PALAVRA CHAVE Afasia, Linguagem, Neurolinguística Discursiva, Subjetividade

The Complaint: Subjectivity in Aphasia

ABSTRACT The aim of this text is to analyze how the subjectivity of aphasics is manifested in an attempt to account for the changes caused by aphasia. In addition to the bibliographic survey, we used statements of subjects with aphasia from group follow-ups performed in the Space of Coexistence between aphasic and non-aphasic (ECO) at the State University of Southwest Bahia (UESB) and interviews with two people who were part of eco. The follow-ups were carried out in the online modality, through the Google Meet platform and the analysis of the information collected are theoretically-methodologically based on Discursive Neurolinguistics. Thus, the results showed that individuals express their subjectivity by different means, in order to position themselves and regain their place in society.

KEYWORDS Aphasia, Language, Discursive Neurolinguistics, Subjectivity

INTRODUÇÃO

Linguagem e sociedade estão intrinsecamente ligadas, de forma que podemos pensar que não existe sociedade sem linguagem e vice-versa. Nessa perspectiva, de acordo Vigotski (1989), a relevância da linguagem não diz respeito apenas à expressão verbal, mas principalmente por possibilitar, desde a infância, que os seres humanos apreendam as relações e regras da sociedade e intervenham no mundo, corroborando, assim, o papel primordial da linguagem (escrita, falada, gestos, silêncios etc.) na formação do pensamento, subjetividade e identidade dos indivíduos. Nesse sentido, a linguagem é um dos elementos que diferencia as pessoas umas das outras permitindo que essas interajam, manifestem as suas emoções e compartilhem visões de mundo.

Isto posto, questiona-se: o que ocorre com os sujeitos que têm a linguagem afetada por conta de uma lesão cerebral? Como esse corpo, afásico, é visto na sociedade? De que maneira a subjetividade desses indivíduos se revela na tentativa

¹ Pesquisa realizada com o apoio da bolsa de Iniciação científica da FAPESB.

² Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; discente bolsista de Iniciação Científica da FAPESB. Pesquisadora do GPEN/Lapen / Ecoa. E-mail: cangussugab@gmail.com.

³ Professora Plena do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil e do Programa de Pós Graduação em Linguística da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB). Doutora em Linguística pela Unicamp; Mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo; nirvanafs@terra.com.br.

de se adaptar/superar às modificações causadas pelo comprometimento na linguagem? São questionamentos que buscamos responder no decorrer da pesquisa.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi efetuada por meio do levantamento bibliográfico, de entrevistas realizadas com dois sujeitos afásicos ex-participantes do Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (ECO/UESB) e um dado de um sujeito que está em acompanhamento no ECOA. Nessa perspectiva, os relatos e o dado apresentados no texto são de três sujeitos os quais, após episódios neurológicos, foram diagnosticados com afasia sendo eles: RG, mulher, 44 anos, solteira, sofreu um AVCi (Acidente Vascular Cerebral Isquêmico) aos 32 anos, GB, homem, 51 anos, casado, sofreu traumatismo cranioencefálico aos 39 anos, em decorrência de um acidente de moto e MO, senhora de 60 anos, brasileira, casada e mãe de três filhos, teve um AVCi em 2021.

O ECOA, criado em 2011, está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB) e à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). No ano de 2022, o grupo aconteceu na modalidade virtual através da plataforma *Google Meet*, com encontros quinzenais, com duração de aproximadamente 1h30. Além disso, atualmente, o grupo atende indivíduos com afasia residentes na cidade de Vitória da Conquista (BA) e outras cidades do interior da Bahia.

O Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO/UESB) tem as suas atividades apoiadas teórico metodologicamente na Neurolinguística Discursiva (ND). Dessa maneira, através de atividades, orientadas pela ND e elaboradas pelas pesquisadoras o espaço atua como um lugar de trocas e interação mediadas pela linguagem verbal e não verbal entre pessoas afásicas (sujeitos com diagnóstico de afasia) e não afásicas (pesquisadoras, familiares, acompanhantes e amigos) (NOVAES, 2016).

Ademais, as entrevistas foram realizadas sob supervisão da orientadora, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado e com uso de gravação audiovisual autorizada pelos entrevistados através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conforme Szymanski (2018) a entrevista é um recurso facilitador para o estudo de significados subjetivos descritos pelos sujeitos entrevistados, significados os quais tornam-se difíceis de serem investigados quando instrumentos fechados são utilizados. Dessa maneira, a entrevista possibilitou que os participantes se sentissem mais à vontade para relatar experiências marcantes vivenciadas por eles após o comprometimento da linguagem, visto que não se trata de uma técnica engessada, mas que, apesar de direcionar os questionamentos, permite dinamicidade e reversibilidade de papéis entre os interlocutores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo Fonseca *et al.* (2019, p. 6), diferente da visão tradicional que entende a afasia apenas do ponto de vista do comprometimento anatomofisiológico, “a afasia envolve uma tripla condição sintomática: há cérebro ferido, fala/escuta/escrita em sofrimento e um sujeito que sofre por efeito de sua condição sintomática linguística”. Nesse panorama, “a fala sintomática sempre agride a escuta do outro, produzindo a marginalização” (LIER-DEVITTO *et al.*, 2007, p. 24) das pessoas com afasia, já que comumente, os indivíduos demonstram desinteresse em dialogar com o afásico, vez que no senso comum “só pensa bem quem fala bem” (MORATO *apud* GIANNASI e RODRIGUES, 2013, p.3).

Levando isso em consideração, Coudry (2002, p.101) indaga: “quem nunca passou por situações de se sentir mais incompleto do que usualmente, hesitando, retomando, interrompendo, tendo menos controle sobre o que diz”? Nesse interím,

apesar desse sentimento de incompletude fazer parte dos seres humanos, para os sujeitos afásicos, desviar desses obstáculos e contar com o apoio e paciência dos não afásicos é muito mais dificultoso. Tal fato pode ser elucidado pelo relato de RG ao dizer *“Quando eu não conheço o grupo eu tento a questão da respiração para poder puxar a palavra. Aí se a palavra não vier eu tento a associação, mas hoje é uma coisa mais leve... mais tranquila, mas no início é muito estressante! Porque o outro quer falar. É sempre assim! A gente vai tentar falar uma coisa aí o outro vai e fala: ‘ah, não sei o que’. Aí eu falo: não era isso não”*.

Desse modo, a afasia acarreta em alterações individuais, emocionais e interpessoais. Outra queixa recorrente é a dificuldade em retornar ao trabalho ou inserir-se no mercado de trabalho em razão do estigma social, limitações físicas e diversos medos que o afásico desenvolve devido a sua nova condição. Nessa perspectiva, GB, ao relatar que foi aposentado por invalidez após o acidente de moto, e que apenas a sua esposa trabalha, comentou com indignação: *“invés de eu sustentar ela (a esposa), ela que me sustenta”*. Desse modo, evidencia-se o desconforto provocado pelo peso do rótulo de “inválido” para GB que se vê como alguém improdutivo e inapto na sociedade e dentro da sua casa.

Em contrapartida, mesmo com os entraves encontrados, o afásico aprende a conviver e a recorrer a outras formas para se comunicar e manter-se na linguagem, estratégia essa denominada de “processos alternativos de significação” os quais, como afirma Coudry (2008), se apresentam por meio do silêncio, palavras não ditas, segmentos de palavras, gestos, associações, hesitações entre outras maneiras que a pessoa com afasia encontra para traduzir o que quer dizer. Nessa lógica, o dado retirado da sessão do ECOA realizada no dia 03/06/2022 corrobora com essa discussão:

Quadro 01 – Atividade das “Emoções” e “Tipos de Emoções”

A pesquisadora GM descreve a imagem na tela, na qual aparece uma pessoa “nervosa”. GM pergunta para MO o que a deixa nervosa. MO diz “É...É.. Tsc”, olha para a tela, gesticula repetidas vezes e faz expressão facial de desapontamento demonstrando que não conseguia alcançar a palavra desejada. MO diz “Ó...Ó”, mostra a tela do celular para a filha e a filha pergunta: “O que”? GM refaz a pergunta feita para MO. MO olha para a filha, gesticula e aponta para a tela. A filha de MO diz: “Ela fica nervosa porque não consegue conversar o que ela quer”. As pesquisadoras repetem a afirmação de MO a qual sorri, faz sinal de positivo em direção a tela balançando a cabeça e sinalizando que era isso mesmo que ela queria dizer.

Fonte: Arquivo pessoal

CONCLUSÕES

Por meio da pesquisa e dos seus resultados, ficou evidente que a afasia impõe diversas dificuldades nos sujeitos acometidos por ela. Entretanto, é possível superar os entraves e identificar processos alternativos de significação que possam contribuir para que compreendam o quadro, descubram novas formas de se comunicar, fortaleçam a autoestima e consigam se reinserir socialmente.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa só se tornou possível graças ao apoio financeiro da FAPESB a quem sou imensamente grata. Agradeço a toda infraestrutura disponibilizada pela UESB por disponibilizar uma professora orientadora. Agradeço ainda ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN/UESB/CNPq) por compartilhar experiências e vivências na pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. 3 Ed. São Paulo. Martins Fontes. 1988.
2. COUDRY, M.I.H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 7-36.
3. COUDRY, Maria Irma Hadler; DIAS, Júlia. Eu sei o que é mas eu não sei falar. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 111-128, 2019.
4. FONSECA, Suzana Carielo; CATRINI, Melissa; MARCOLINO-GALLI, Juliana. Afasia: drama subjetivo e invisibilidade social. **Anais do IV Congresso Internacional de Saúde Mental**. VIII Congresso da Região Centro-Sul do Paraná. III Mostra de Práticas em Atenção Psicossocial. Saúde Mental, Política e Democracia. Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2019.
5. GIANNASI, Pedro Augusto Brambilla; RODRIGUES, Caio Graco. Norma-padrão e patologia: a influência social na identificação do afásico. Língua, Literatura e Ensino, Campinas, v. 8, ed. 10, p. 269-276, 2013. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/4302>. Acesso em: 28 set. 2022.
6. LIER-DEVITTO, Maria Francisca; DA FONSECA, Suzana Carielo; LANDI, Rosana. VEZ E VOZ NA LINGUAGEM: O SUJEITO SOB O EFEITO DE SUA FALA SINTOMÁTICA. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 10, n. 1, 2007.
7. NOVAES, T. P. **Implicações e aspectos linguísticos na escrita de um sujeito afásico**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, BA, 2016.
8. SZYMANSKI, H. (org). Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. 5ª.Ed. Campinas: Autores associados, 2018.
9. VIGOTSKI, Lev Semenovitch et al. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.